

“Entre tapas e beijos”: representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes

"Between slaps and kisses": social representations about gender violence for teens

Cleber Lizardo de Assis¹

RESUMO: A adolescência se constitui numa fase de importância sensível para a constituição da identidade e as relações de gênero; objetivou-se um estudo das representações sociais de adolescentes acerca de violência de gênero, seus fatores causais, de resolução e sua percepção na cultura midiática musical. Metodologicamente, obteve-se uma amostra de 1200 adolescentes, com aplicação de questionário para resposta coletiva em pequenos grupos sobre fatores geradores e de tratamento da violência de gênero, além de letras de músicas que falam desse tipo de fenômeno, tratados pela Análise de Conteúdo de L. Bardin. Resultado: como elementos geradores e de enfrentamento à violência, predominaram os elementos interpessoais, seguidos dos fatores ambientais/sociais e fatores culturais; quanto a identificação do tema nas letras de músicas, apresentam-se temas de relações amorosas com um misto de amor e violência; Discute-se a predominância na representação social da violência, de elementos interpessoais com sensível identificação dos níveis ambientais/sociais e culturais; ainda uma possível existência de um tipo ambivalente de sentimento de amor-violência na relação amorosa. Conclui-se que há uma certa reprodução do discurso e prática hegemônicos de atribuição de causalidade e no enfrentamento da violência de gênero, como assunto mais exclusivo da díade, com uma percepção de sua interação com elementos ambientais como as drogas e o machismo; quanto ao enfrentamento, parece haver uma sensível migração do mero interpessoal para a busca de serviços e políticas públicas, além da necessidade de modificações maiores e culturais; essa lógica privatista de causalidade e enfrentamento parece colaborar para a manutenção de um círculo vicioso de violência entre o casal, que mescla papéis de vítima-agressor, sob uma cultura que parece naturalizar e romantizar a violência como indissociável da relação amorosa.

Palavras-chave: adolescência; identidade; violência de gênero; representações sociais; enfrentamento.

ABSTRACT: Adolescence is a phase of matter is sensitive to the formation of identity and gender relations; aimed to study social representations of teenagers about gender violence, their causative factors, resolution and its perception in the media culture musical. Methodologically, we obtained a sample of 1,200 adolescents, with a questionnaire for collective response in small groups, about generating factors and treatment of gender violence, and lyrics that speak of this type of phenomenon, treated by under Content Analysis of L. Bardin. Which resulted the predominance in as generating elements and combat violence, interpersonal elements predominated, followed by environmental/social and cultural identity as the theme of the lyrics, we present themes of love relationships with a mixture of love and violence; discussed that predominated the social representation of elements sensitive to interpersonal identification levels environmental / social and cultural rights; still possible existence of a kind of ambivalent feelings of love-love relationship violence. We conclude that there is a certain reproduction of hegemonic discourse and practice of causal attribution and the fight against gender violence, as matter most exclusive dyad, with a perception of their interaction with environmental factors such as drugs and machismo; regarding coping there seems to be a sensible migration mere interpersonal to search for services and public policy, beyond the need for major modifications and cultural privatist this logic of causality and coping seems collaborate to maintain a vicious

¹ Mestre em Psicologia pela PUCMG; Doutorando em Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia Universidad del Salvador/USAL-Argentina; Docente das Faculdades Integradas de Cacoal/UNESC-RO – Rondônia, Brasil. E-mail: kebelassis@yahoo.com.br.

cycle of violence between the couple, who merges roles of victim-offender, under a culture that seems to naturalize and romanticize violence as the inseparable relationship.

Keywords: adolescence, identity, gender violence, social representations; coping.

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo o de estudo das representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes, especialmente sobre seus fatores causais, de resolução e sua percepção na cultura midiática musical.

A pesquisa de base teve dois problemas relacionados entre si, formulados em separado, embora desenvolvido teórica e metodologicamente, de forma conjunta: Quais as representações sociais de adolescentes cacoalenses sobre os fatores causais e de enfrentamento da violência de gênero? e Quais as representações sociais de adolescentes cacoalenses sobre a díade relação amorosa-violência entre gêneros em sua percepção em letras de músicas brasileiras?

Abordar-se-á sucintamente o contexto e significado da adolescência, especialmente relacionado ao conceito de identidade e a partir de E. Erikson, S. Freud e A. Ciampa; trataremos do conceito de “representação social” forjado por S. Moscovici e considerado chave na pesquisa, seguido de uma breve conceituação de “estratégia de enfrentamento”, além da noção de gênero e violência de gênero.

Metodologicamente, aplicou-se questionários auto-aplicáveis a uma amostra de 1200 adolescentes, de ambos os sexos que responderam por escrito a três perguntas abertas, em pequenos grupos de discussão, em três eventos com datas distintas no município de Cacoal-RO, o que será detalhado na respectiva seção.

Pressupõe-se que haja relevância científica, acadêmica e social em relação à pesquisa sobre o tema, em especial, diante do fenômeno dos diversos tipos de violências contra a mulher, o que exige estudos exploratórios que fundamentem ações preventivas e educativas especialmente junto à infância e adolescência.

Adolescência e identidade

A construção da identidade neste período do desenvolvimento humano situado entre a puberdade e a idade adulta é caracterizada como fases de conflitos mais conhecida por todos como adolescência.

Com isso, muitos autores abordam este tema “adolescência” como “fase de conflitos” em seus estudos, porém, este trabalho abordará somente as teorias de Erik Erikson (fases psicossociais), Antonio Ciampa (transformação/metamorfose) e S. Freud (fases psicosexuais).

Erikson (1972), em sua teoria sobre os estágios do desenvolvimento humano discute a influência da sociedade sobre a maturação do indivíduo, seu desenvolvimento e sua personalidade, além de destacar na adolescência, ocorrência da oscilação entre Identidade *versus* Confusão de Identidade (12 aos 18 anos aproximadamente). Neste estágio acontece uma certa “consolidação” da identidade do indivíduo, onde se experimenta vários papéis

que querem desempenhar, mas quando não consegue, toda essa preocupação se torna confusão de identidade. Segundo Rabello & Passos (2009), nessa fase os adolescentes precisam sentir que pertencem a algum grupo, necessitam sentir que são aceitos, desejados, tendo segurança frente às transformações em ocorrem neste período.

Já para Freud (1905), o desenvolvimento psicosssexual do indivíduo divide-se em cinco fases ou estágios que contêm zonas erogénias, instâncias de personalidade e complexos ou conflitos, dentre as quais destacamos a *Fase genital*, período em torno dos 12 anos e quando tem início com a adolescência, com uma retomada dos impulsos sexuais infantis, onde o adolescente passa a buscar em pessoas fora de seu grupo familiar, o seu objeto de amor e onde será decisiva a sua construção da relação afetivo-sexual.

Complementando a noção de adolescência e, nela inserida a constituição da identidade, os estudos de Ciampa (1989) demonstram que a construção da identidade não depende apenas do indivíduo e sim de um conjunto de fatores nos quais ele está inserido, principalmente a sua interação com o meio; o indivíduo estaria numa eterna mudança de hábitos e opiniões, pois todos são sujeitos influenciáveis e é nesse movimento que acontece a grande “metamorfose”, a transformação adolescente entre o infantil e o adulto.

A adolescência é, nesse sentido exposto, um período de mudanças no qual o adolescente tem que elaborar a perda da identidade infantil e dos pais da infância para que possa assumir uma identidade adulta. Neste período, o que era criança passa por transformações corporais, biológicas, afetivas e sociais, e a libido volta a se concentrar nos órgãos genitais, devido ao amadurecimento dos mesmos. A identidade pode se desenvolver de forma confusa, precisando de suporte e apoio seguros, além de modelos para seu modo de ser no mundo, em especial, nas relações amorosas, foco de nossa investigação onde se destaca a violência de gênero. Na sequência, importa tratar do conceito operativo dessa pesquisa: “representações sociais” e que será útil para apreender os sentidos sociais produzidos pelos adolescentes investigados.

Representação social

Segundo Arruda (2002), o conceito “Representação social” não é patrimônio de nenhuma área específica, podendo ser utilizada em diversas áreas, sendo que a Teoria das Representações Sociais (TRS), criada por Moscovici (2003), operacionaliza-se a partir do pressuposto do pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade, considerando que o indivíduo tem formas diferentes de se conhecer, comunicar, e diferentes percepções de objetos.

Acessar a representação social de um grupo seria uma forma de conhecer a cultura de uma determinada sociedade, cuja velocidade das informações obriga o indivíduo ter um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições e na qual o processamento que se esteia no olhar de quem vê.

Sendo assim, as RS não são uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade, mas uma tradução, uma possível versão desta. A representação social é um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação

cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação (Arruda, 2002; Berger & Luckmann, 1978).

Nesse sentido, conhecer os elementos que constituem a representação social sobre as relações amorosas, sobre os fatores geradores e enfrentadores da violência de gênero em adolescentes pode se constituir em um importante aporte para intervenção do cientista social e humano, especialmente, do psicólogo.

Relações e violência de gênero

O termo “gênero” é uma categoria relacional, na qual, também se consideram as relações de poder implicadas, a importância da experiência, da subjetividade e do saber concreto do indivíduo em sociedade. Gênero é o elemento marcadamente cultural, ao referir-se ao que se relaciona convencionalmente ao que pertence a comportamentos e hábitos do sexo masculino e feminino, a partir da esfera biológica. Para Scott (1995, como citado em Araújo, 1999), “gênero é *um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder*”.

Já o termo “violência” tem como significado “qualidade ou ação de violento, constrangimento físico ou moral” (Luft, 2005), podendo ocorrer de várias formas como, por exemplo, numa população atingida por tempestade, tornados, ciclones, deslizamento de terras, crateras, incêndios etc, mas também associada a sujeitos humanos e classes menos favorecidas e à própria juventude; no entanto, no específico da temática de gênero: “as violências se apresentam de diferentes formas e com diversos efeitos sociais, quais sejam física, negligência social, violência de gênero, abuso sexual, violência psicológica, violência urbana, violência institucional, violência de Estado, entre outros” (Conte, s. d).

Freud (1930/1974) afirma que no processo civilizatório é necessário os instintos agressivos para que a civilização possa se desenvolver e, ao mesmo tempo, esses instintos, caso não contidos, mediados e simbolizados, podem destruir a própria civilização. As consequências da violência no ser humano são, portanto, de graves proporções, de forma indireta ou direta, podendo levar as pessoas a se isolar do meio social, gerando o pânico, o consumo de drogas, a depressão e a melancolia, além de outros agravos e doenças (Conte, s. d).

A Organização das Nações Unidas (ONU) conceitua a *violência de gênero* como “qualquer ato de violência baseado no gênero que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a uma mulher, incluindo ameaça de tais atos, coerção, privação arbitrária da liberdade, seja no âmbito público ou privado”. Complementando, Faúndes, Rosas, Bedone & Orozco (2006) afirmam que quando se trata de violência de gênero, tanto a mulher quanto o homem podem ser vítima de tal agressão, porém, na imensa maioria dos casos a vítima é uma mulher e o agressor é um homem.

No Brasil, a violência doméstica, em especial contra mulheres, se constitui como fenômeno cristalizado na sociedade brasileira, com diversos estudos sobre tipos de violência e violência doméstica e suas consequências da violência em mulheres (Minayo, 1994; Schraiber & D’Oliveira, 1999a; Schraiber & D’Oliveira, 1999b; Kronbauer & Meneghel, 2005). Configura-se também como marco legal brasileiro e de enfrentamento a este problema da

violência de gênero, o Novo Código Civil Brasileiro (Brasil, 2002) onde o termo "homem" (marido) foi substituído por "pessoa", sendo que ambos passam a ter os direitos iguais em uma sociedade conjugal, além do conceito de família ter sido expandido com o reconhecimento das uniões estáveis, das comunidades de mães ou pais solteiros, para além do casamento propriamente; especialmente a Lei Nº 11.340, chamada "Maria da Penha" (Brasil, 2006). Nesse sentido, tais marcos propõe que se respeite sua vida; que se respeite sua integridade física, psíquica e moral; à liberdade e segurança pessoal; de não ser submetida a torturas e a que se respeite a dignidade inerente à sua pessoa e que proteja sua família (Schraiber & D'Oliveira, 2003).

Nota-se, portanto, se por um lado, o conceito de violência é amplo e civilizacional, compondo a constituição do ser humano, há uma noção mais específica de violência associada às relações de gênero e que funda-se na diferenciação biológica, mas que possui um substrato cultural e historicamente determinado. Mas como enfrentar tais situações conflitantes, estressantes e violentas? O dispositivo legal tem sido modificado e as políticas públicas tem sido implementadas, mas como os sujeitos adolescentes se posicionam diante dessa realidade e da temática da violência de gênero?

Estratégia de enfrentamento (Coping)

Se o estresse é inevitável na vida humana, há diferentes formas de adaptar-se a uma situação e isso irá depender das estratégias de enfrentamento (*coping*), que seria um conjunto de processos utilizados pelo sujeito para controlar as demandas da relação indivíduo – ambiente (especialmente o outro) e que pode variar em cada indivíduo, a partir de sua habilidade desenvolvida ao lidar com situações adversas que surgiram em sua vida.

Nesse sentido, segundo Holahan & Moos (1987, como citados em Ribeiro & Rodrigues, 2004, p. 3) "o coping tem sido definido como um factor estabilizador, ou seja, que facilita o ajustamento individual ou a adaptação quando se está perante situações ou em momentos estressantes". Numa perspectiva cognitivista, segundo Folkman & Lazarus (1980, como citados em Antoniazzi, Dell' Aglio & Bandeira, 1998), há duas divisões para o modelo de estratégias de enfrentamento (*coping*), o primeiro focalizado no problema e o segundo focalizado nas emoções. O focalizado no problema são estratégias adaptativas que podem diminuir as ameaças e reduzir a tensão emocional; as estratégias de enfrentamento (*coping*) focalizado nas emoções procuram diminuir as sensações de desconforto emocional e é mais usada em situações percebidas como difíceis de mudar. Ainda de acordo com Lazarus & Folkman (1984, como citados em Ribeiro & Rodrigues, 2004, p. 4), estratégias de enfrentamento são "esforços comportamentais e cognitivos, em mudança constante, que visam gerir exigências internas ou externas específicas, consideradas como excedendo os recursos pessoais". Então essa estratégia é uma resposta com o objetivo de criar, manter ou aumentar a percepção das demandas que surgem da interação do indivíduo com o ambiente.

Compreender as formas e métodos, em termos de esforços e comportamentos cognitivos e comportamentais de adolescentes diante de situações estressantes, especialmente, o fenômeno da violência de gênero pode contribuir para um maior diálogo e intervenções junto a esse público e tema.

Método

Retomamos ao objetivo da pesquisa, em estudar as representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes, especialmente sobre seus fatores causais, de resolução e sua percepção na cultura midiática musical.

Em relação à amostra, os dados foram coletados junto a 1200 adolescentes de 12 a 17 anos, média de idade=14,5 anos, de ambos os sexos, sendo 660 mulheres e 540 homens, estudantes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio do município de Cacoal-RO.

Quanto aos procedimentos e instrumentos, foi elaborado um questionário composto de 03 (três) perguntas digitadas em folha de papel A4 e aplicadas a pequenos grupos de adolescentes, em um auditório, durante 03 (três) eventos organizados pela Extensão Universitária e o Ministério Público local, sobre a Lei Maria da Penha, nos dias 27 e 28 de setembro de 2011 e 10 e 11 de abril de 2012, e 11 e 12 de setembro de 2012.

O questionário composto por 03 perguntas abertas foi discutido e respondido por escrito, e as perguntas foram elaboradas previamente a partir de categorias definidas *a priori*, conforme a Análise de Conteúdo de L. Bardin, sendo as perguntas: 1 - Cite trechos de músicas que falam do tema de conflitos e violência entre homens e mulheres; 2 - O que leva à violência entre homens e mulheres? 3) O que pode resolver tal situação?

Quanto à técnica para a análise de dados, utilizou-se da Análise de Conteúdo (Bardin, 1979; Franco, 2005) como método de análise e tratamento das entrevistas a serem realizadas, devido à sua possibilidade de apreender as representações sociais, as conceituações e as expectativas dos entrevistados, elementos decisivos para apreender os sentidos dos temas e categorias investigados.

Em relação ao procedimento ético, o presente projeto de pesquisa, por aplicação de coleta de dados de forma coletiva, utilizou-se da prerrogativa de dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, segundo a Resolução do CFP Nº 016/2000, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos, Art 6, item I e IV.

Em relação à análise dos dados, estes foram transcritos das 240 folhas de respostas escritas que passaram por uma análise qualitativa dos temas, de onde derivaram as categorias *a priori* e *a posteriori*, a partir das emissões dos sujeitos adolescentes. A Análise de Conteúdo se refere a um tratamento dos dados através da análise da comunicação, descrevendo sistematicamente o conteúdo das mensagens, deduzindo e interpretando (Bardin, 1979).

Resultados

Os elementos geradores de violência de gênero foram apontados pelos adolescentes e apresentados por aproximação temática, a partir das respostas coletivas escritas, com suas respectivas quantidades.

Numa perspectiva geral, como elementos geradores da violência, apareceram em ordem de importância pelos adolescentes: Falta de comunicação/diálogo, Vícios em drogas, álcool e Machismo/Desigualdade de gêneros/Submissão da mulher.

Tabela 1 – Fatores geradores da violência de gênero - Frequência geral

FATORES CAUSAIS	QUANTIDADE
Falta de comunicação/diálogo	41
Vícios em drogas, álcool etc	39
Machismo/Desigualdade de gêneros/Submissão da mulher	38
Falta de respeito/consideração/compreensão, intolerância	36
Ciúmes	33
Falta de paciência, ignorância, estupidez, raiva	25
Discussões/Brigas	21
Falta de confiança	13
Traição/infidelidade/galinhagem	12
Diferença de opiniões/discórdia/desentendimento/conflitos	9
Estresse do dia-a-dia	7
Falta de amor/carinho	7
Má educação/falta de estrutura familiar	5
Mentiras/enganação	5
Desunião	3
Disputa por superioridade	3
Falta de Dinheiro	2
Violência doméstica/transtornos familiares	2
Falta de Deus	1
A mulher fazer algo errado em casa	1
Insatisfação	1
Mulher folgada	1
Intromissão da família na vida do casal	1
Falta de valores	1
Filhos	1
Falta de inteligência	1
Total	309

Na sequência, criamos 3 categorias para integrar os fatores causais da violência de gênero: *Fatores Interpessoais* se referem àqueles relacionados diretamente à dinâmica e aos elementos intra e interpsicológicos da díade ou casal amoroso; *Fatores Ambientais/Sociais* se referem aos elementos contextuais imediatos, do entorno e mais próximos da díade; *Fatores Culturais* referem-se aos elementos mediatos e de um contexto ambiental e histórico mais amplo. Propomos esses elementos e suas categorias, considerando-os em seu movimento interacional e dinâmico.

Dentre esses elementos geradores da violência de gênero, classificados por categorias, houve a predominância quantitativa dos elementos da categoria “interpessoais” (n=211), seguidos dos elementos da categoria “ambiental/social” (n=54) e dos elementos da categoria “cultural” (n=44).

Tabela 2 – Fatores geradores da violência de gênero – Frequência Geral e por Categorias

CATEGORIA 1 – ELEMENTOS INTERPESSOAIS	QUANTIDADE
Falta de comunicação/diálogo	41
Falta de respeito/consideração/compreensão, intolerância	36
Ciúmes	33
Falta de paciência, ignorância, estupidez, raiva	25
Discussões/Brigas	21
Falta de confiança	13
Traição/infidelidade/galinhagem	12
Diferença de opiniões/discórdia/desentendimento/conflitos	09
Falta de amor/carinho	7
Mentiras/enganação	5
Desunião	3
Disputa por superioridade	3
Insatisfação	1
Mulher folgada	1
Falta de inteligência	1
Total/Categoria	211

CATEGORIA 2 – ELEMENTOS AMBIENTAIS/SOCIAIS	
Vícios em drogas, álcool etc	39
Estresse do dia-a-dia	7
Violência doméstica/transtornos familiares	2
Dinheiro (falta)	2
A mulher fazer algo errado em casa	1
Filhos	1
Intromissão da família na vida do casal	1
Total/Categoria	54
CATEGORIA 3 – ELEMENTOS CULTURAIS	
Machismo/Desigualdade de gêneros/Submissão da mulher	38
Má educação/falta de estrutura familiar	5
Falta de Deus	1
Falta de valores	1
Total/Categoria	44
TOTAL GERAL	309

Na sequência, apresentamos os dados apontados pelos adolescentes como elementos ou *fatores de enfrentamento* e resolução do problema da violência entre gêneros. Primeiramente, esses elementos foram listados de uma maneira geral e na sequência por subcategoria.

Os elementos que se constituíram no enfrentamento à violência, de forma predominante na opinião dos adolescentes foram: diálogo entre o casal, Respeito/compreensão entre o casal e Denúncias (delegacia, Ministério Público etc.)

Tabela 3 – Estratégias de enfrentamento à violência de gênero – Frequência geral

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO	QUANTIDADE
Diálogo	66
Respeito/compreensão entre o casal	36
Denúncias (delegacia, MP etc)	22
Procurar um Psicólogo	17
Amor/carinho/compaixão/companheirismo/união	13
Paciência/calma/tolerância/paz	12
Assistência Social	8
Conscientização da população em geral, jovens e crianças na escola e dentro de casa	8
Ter confiança	6
Reconciliação/ Conscientização ambas as partes	5
Separação	3
Penas mais severas para o agressor	3
Igualdade entre ambos/diminuição do machismo	3
Sexo	2
Pensar na família	1
Dar tempo ao tempo	1
Morte de um dos indivíduos	1
Ir pra igreja	1
Intervenção de terceiros	1
Direitos iguais	1
Mais valorização do ser humano	1
Reeducação da sociedade	1
Total Geral	212

Esses mesmos elementos apresentados por classificação de fatores de enfrentamento, por categorias, teve a seguinte predominância: elementos da categoria “interpessoal” (n=143), da categoria “ambiental/social” (n=63) e da categoria “cultural” (n=6).

Tabela 4 – Estratégias de enfrentamento à violência de gênero – Frequência geral e por Categorias

CATEGORIA 1 – ELEMENTOS RELACIONAIS	QUANTIDADE
Diálogo	66
Respeito/compreensão entre o casal	36
Amor/carinho/compaixão/companheirismo/união	13
Paciência/calma/tolerância/paz	12
Ter confiança	6
Reconciliação/ Conscientização ambas as partes	5
Sexo	2
Pensar na família	1
Dar tempo ao tempo	1
Morte de um dos indivíduos	1
Total/Categoria	143
CATEGORIA 2 – ELEMENTOS AMBIENTAIS/SOCIAIS	
Denúncias	22
Procurar um Psicólogo	17
Assistência Social	8
Conscientização da população em geral, jovens e crianças na escola e dentro de casa	8
Separação	3
Penas mais severas para o agressor	3
Ir pra igreja	1
Intervenção de terceiros	1
Total/Categoria	63
CATEGORIA 3 – ELEMENTOS CULTURAIS	
Igualdade entre ambos/diminuição do machismo	4
Mais valorização do ser humano	1
Reeducação da sociedade	1
Total/Categoria	6
Total Geral	212

Na sequência, apresentamos os dados relacionados à identificação de letras de músicas que falam sobre as violências entre homens e mulheres, dentro do cancionário brasileiro em seus múltiplos estilos e ritmos.

Ressaltamos que não estamos pressupondo que tais letras e seus autores/intérpretes como responsáveis, incitadores ou reforçadores da violência de gênero; o que defendemos, a partir da Teoria das Representações Sociais, é que tais letras e seu conteúdo amplamente midiático contém e apresenta elementos que compõe o imaginário social e as práticas amorosas de adultos e de adolescentes. Optamos, nesse sentido, em apresentar a lista com as 10 letras mais citadas, mas a listagem completa se encontra em arquivo.

Tabela 5 - Violência de gênero em letras de músicas a partir de adolescentes, Cacoal-RO

TRECHO DE MÚSICA/ARTISTA	QUANTIDADE
Entre tapas e beijos é ódio e desejo é sonho, é ternura (...), <i>Entre tapas e beijos</i> - (Leonardo)	42
"A gente briga, a gente chora mais a gente se ama (...)" <i>A gente briga, a gente chora</i> (Aviões do Forró)	9
"Você não vale nada, mais eu gosto de você, tudo que eu queria era saber porque (...)", <i>Você não vale nada mais eu gosto de você</i> (Calcinha Preta)	8
Doi um tapinha não dói (...), <i>Um tapinha não dói</i> (Furacão 2000)	8
"Safado, cachorro, sem vergonha, eu dou duro o dia inteiro e você colchão e fronha (...)" (Cláudia Leite)	8
Quando a gente fica junto tem briga quando a gente se separa saudade (...), <i>Amor covarde</i> (Jorge e Mateus)	7
"Se me ver agarrado com ela separa que é briga, ta ligado, ela quer um carinho gostoso, um bicudo e três cruzados (...)", <i>Dona Gigi</i> (Os Caçadores)	5
"Sou foda, na cama eu te escucho (...)", <i>Sou foda</i> - (Carlos e Jader)	5
"Quando a gente fica junto tem briga, quando a gente se separa saudade (...)", <i>Amor covarde</i> (Jorge e Mateus)	5
Que mulher ruim jogou minhas coisas fora disse que em sua cama eu não durmo mais não (...), <i>Complicada e perfeita</i> , Raimundos	3
Total parcial	100

Discussão

Quanto à *atribuição de causalidade* relacionada às violências de gênero entre homem e mulher, numa perspectiva geral, os adolescentes apontam como maiores elementos: falta de comunicação/diálogo (fator relacional), vícios em drogas (fator ambiental) e machismo (fator cultural). De forma mais detalhada: como *Fatores relacionais*, aqueles ligados diretamente ao próprio casal (falta de diálogo, de respeito, e de compreensão, ciúmes, por ex); já os elementos agrupados sob os *Fatores Ambientais/Sociais* (uso de drogas, estresse etc) e os *Fatores Culturais* (machismo, desigualdade de gênero etc).

Tais elementos aparecem de forma diferenciados na pesquisa de Ribolla & Fiamenghi Jr (2007), que apontam como determinantes para ocorrência da violência: a falta de instrução da sociedade, o aprendizado familiar da violência, o pensamento mais voltado para si mesmo, as drogas como instauradoras da violência. A esse conjunto de fatores, soma-se ainda aqueles ambientais/sociais, especialmente os locais onde ocorre a violência, como a própria família (Ribolla & Fiamenghi Jr, 2007), o que é corroborado na pesquisa de Koller (1999), onde destaca-se o espaço familiar, seguido da escola e da mídia; ou seja, os adolescentes estão imersos em imagens, situações e relações violentas em diversas situações do cotidiano, o que pode trazer consequências para sua socialização e formação de uma “identidade violenta”, em especial, nas suas relações de gênero.

Esses dados encontrados, com a predominância de elementos da categoria “interpessoal” parecem apontar para uma predominância do que denominamos de uma *lógica tradicional e privatista* que preside a vida amorosa/conjugal, inclusive dos próprios adolescentes, em que predomina como causalidades as questões de cunho psicológicas individuais e da relação, deixando para um segundo e terceiro planos os fatores ambientais/culturais como “moldura” determinante para a própria relação.

Quanto aos elementos que constituem a *resolutividade e enfrentamento* da violência de gênero, prevalecem também aqueles elementos ligados aos *Fatores Relacionais*, o que corrobora nossa assertiva de um privilegiamento da lógica privatista nas relações amorosas e na conjugalidade, sob a forma do clássico aforisma: “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Nesse sentido, como elementos complementares aos fatores relacionais, foram apontados os elementos que compõe os *Fatores Ambientais/Sociais*, em especial aqueles ligados às políticas públicas e aos serviços sociais (denúncia, assistência psicológica, social etc), o que parece apontar um maior conhecimento e uma sensível emergência dessas ações para a resolução do problema, enquanto os elementos do fator cultural e mais estrutural (igualdade de gênero etc) ficou em terceiro plano. Ou seja, embora os adolescentes atribuam a resolutividade do problema da violência à própria díade, parecem que começam a perceber no seu entorno, outras possibilidades de resolução fora do casal.

Tais elementos interpessoais, ambientais e culturais também apareceram “mixados” no estudo de Ribolla & Fiamenghi Jr (2007), sobre a resolução da violência, onde identificou-se junto aos adolescentes os seguintes fatores: ampliação e organização do acesso à educação, organização de grupos reivindicantes de melhorias governamentais, ajuda às pessoas, perdão e um “movimento particular de cada um, no sentido de deixar de ser violento”, o que se relaciona ao que foi constatado nas estratégias de resoluções dos adolescentes de nossa pesquisa, quando apontam predominantemente os fatores interpessoais

(compreensão, perdão etc), sobre fatores ambientais/sociais (denúncias e busca dos serviços sociais) e fatores culturais (educação de maneira geral).

Já na pesquisa de Arantes, Sastre & González (2010), com adolescentes sobre as representações subjetivas em relação à violência sofrida por mulheres, identificou-se dois tipos de resoluções de conflitos entre casais, seja mais “pragmática” (ação) ou “intimista” (sentimentos, pensamentos), oscilando entre manter a relação e a sua ruptura; a diáde nesse estudo é considerada como um par de dominador-submissa e a imagem do agressor apareceu como uma figura frágil, triste e insegura, reforçando esse papel de complementaridade do casal, no entanto, Arantes *et al.* (2010), questionam que: “se a solidariedade tem, em princípio, um valor adaptativo (a fim de favorecer o outro), ela deixa de tê-lo quando é exercida em benefício do agressor e em detrimento do respeito e das necessidades de quem sofre a violência” (Arantes *et al.*, 2010, p. 118). Ou seja, tais estratégias de enfrentamento mais “intimista” e “interpessoal”, mesmo que legítima, parece corroborar para a manutenção de uma relação violenta de gênero entre os adolescentes, onde o papel de vítima reforça a existência do papel de agressor, num ciclo repetitivo.

Denunciando essa prática do “amor unilateral” representada pelos adolescentes, prossegue a denúncia dos autores:

...a violência sofrida pela mulher pode ser evitada se ela ajudar seu namorado – parece ser um caminho tortuoso, no qual um modelo de amor unilateral (que a mulher é quem deve amar e cuidar) e a ética do cuidado (em nossa opinião mal compreendida) parecem desvelar uma cumplicidade entre quem exerce e quem se submete ao poder (Arantes *et al.*, 2010, p. 118).

Tais reflexões a partir dos dados dessa pesquisa contribuem para análise de nossos dados encontrados, quando os adolescentes apontam como predominantes estratégias de enfrentamento, aquelas integradas sob a categoria “elementos interpessoais”, ou seja, a resolutividade da violência é predominantemente de responsabilidade de um indivíduo e/ou do casal, onde há uma complementariedade de papéis de vítima-agressor engendrados por afetos conscientes e inconscientes, onde a vítima desenvolve um amor unilateral redentor sobre o agressor e que mantém o círculo vicioso da violência.

A pesquisa de Narvaz & Koller (2006, citados por Arantes *et al.*, 2010) complementa esse fator de manutenção da violência intrafamiliar e contra a mulher, a partir da submissão da vítima ao seu desejo de viver o modelo hegemônico de família, basicamente patriarcal e de naturalização da violência. Isso se relaciona com a investigação de Traverso-Yépez & Pinheiro (2005) que, sob o nome de “socialização de gênero”, problematizam a existência de um “processo de naturalização da violência de gênero” onde se perpetua esse tipo de violência, tendo nas próprias mulheres a reprodução de padrões tradicionais sexistas de socialização; Outra conclusão do estudo de Arantes *et al.* (2010) e que corrobora nossos dados interpretados, refere-se à identificação de que:

...os processos de socialização em nossa cultura se dão sob um imaginário coletivo de domínio dos homens sobre as mulheres. Uma ordem social que divide e caracteriza os sujeitos em função de seu grau de poder e, mais ainda, que atribui a cada grupo aquelas características psíquicas necessárias para que cumpram “suas” tarefas sociais (Arantes *et al.*, 2010, p. 119).

Quanto à vivência e exposição do adolescente a um contexto de violência, especialmente familiar, evocamos o estudo longitudinal de Lordelo, Bastos & Alcântara (2002) em que concluem ser a agressividade do adolescente como ocorrente em paralelo às violências sofridas, apontando uma confusão de identidade entre “agressor” e “vítima”, o

que também aparece nas letras de músicas evocadas pelos adolescentes para falar da relação a dois.

Nas letras citadas é possível identificar, como representação social da relação amorosa, um mix de afetos positivos e negativos, amorosos e agressivos, de uma forma cristalizada no imaginário e prática sociais.

Ou seja, o adolescente vai se desenvolvendo num contexto interpessoal, ambiental e cultural de violência de gênero, de forma que essa se constitui sua forma perversa de socialização, de modos que lhe pode ocorrer uma confusão de identidade onde se mesclam o papel de vítima e de agressor.

Tais estudos permitem corroborar a identificação pelos adolescentes de uma “cultura interpessoal amorosa” submetida a uma cultura maior mergulhadas num processo de socialização em que predomina o modelo hegemônico de família e de relação de poder do tipo patriarcal que resolve os conflitos de forma violenta, além de uma prática cotidiana de socialização que envolve o processo identitário da criança e do adolescente que lhe fornece um modelo humano confuso de vítima-agressor.

Nessa mescla de objetividade-subjetividade e de papéis de vítima-agressor, soma-se a díade ódio-desejo na constituição de um tipo de “amor doentio” e de relações de gênero que se alimenta das pulsões ambivalentes do sujeito (Freud, 1905/1980; 1910/2003), parecendo configurar na cultura, uma forma especial de laço afetivo mantenedor do ciclo violento entre os casais, alimentado por uma espécie de romantização e naturalização da “violência-tempero” do amor.

Conclusão

Em relação a objetivo de estudo das representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes, especialmente sobre seus fatores causais, de resolução e sua percepção na cultura midiática musical, conclui-se, a partir dos elementos encontrados, a identificação de algumas características das representações sociais dos adolescentes sobre as relações de gênero e, nelas, as formas geradoras e de enfrentamento da violência, bem como sua percepção na cultura musical: parece haver uma certa reprodução do discurso e prática hegemônicos de atribuição de causalidade, seja na perspectiva dos elementos geradores, seja naqueles de enfrentamento às violências de gênero, como assunto mais exclusivo da díade, mesmo que haja uma percepção da interação com elementos ambientais (drogas, por exemplo) e fatores culturais (machismo, por exemplo); quanto ao enfrentamento, parece haver uma sensível migração do mero nível interpessoal para a busca serviços e políticas públicas, além de identificar necessidade de modificações maiores e culturais.

Parece que essa predominância da lógica privatista de causalidade e enfrentamento pode colaborar para a manutenção de um círculo vicioso de violência entre o casal, de forma que os papéis de vítima-agressor se confundem, especialmente, quando há o casal se encontra imerso em estados emocionais e afetivos confusos e ambíguos que marcam a constituição do sujeito, psíquica, mas sobretudo, numa cultura que parece naturalizar e romantizar a violência como indissociável da relação amorosa. Tal naturalização e romantização da violência como “tempero” da relação amorosa pode ser facilmente identificada, pela evocação dos próprios adolescentes, a trechos do cancionário popular que

aborda a relação amorosa como da ordem do machismo, da confusão de papéis agressor/vítima e um mix confusional de afetos amorosos e agressivos.

Considerando tais vicissitudes psicossociais, especialmente junto ao público adolescentes, faz-se necessários estudos sobre a dinâmica da violência entre casais juvenis, sua resolutividade, bem como sobre estratégias que facilitem a esse público, espaço para falar de suas dificuldades relacionais-amorosas imersas em um contexto social e cultural sexista, de forma que se-lhes favoreça ainda o desenvolvimento de relações amorosas sem violências.

Referências

- Antoniazzi, A. S., Dell'Anglio, D. B., & Bandeira, D. R. (1988). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 287-312. Recuperado de www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf
- Arantes, V. A., Sastre, G., & González, A. (2010). Violência contra a Mulher e Representações Mentais: Um Estudo sobre Pensamentos Morais e Sentimentos de Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 109-120.
- Araújo, M. F. (1999). *Casamento e sexualidade. A revisão dos mitos na expectativa de gênero*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103_56652005000200004&script=sci_arttext&lng=es.
- Arruda, A. (2002). Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 117, 127-147.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1978). *A Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Brasil (2002). *Código Civil Brasileiro*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm.
- Brasil (2006). *Lei Maria da Penha*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm.
- Ciampa, A. C. (1989). Identidade. In S. T. Lane & W. Codo (Eds.). *Psicologia social: o homem em movimento*. (pp.59-75). São Paulo: Brasiliense.
- Conte, M. (s. d). *Violência e saúde mental*. Recuperado de <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/violenciamartaconte.pdf>
- Dell' Aglio, D. D. (2003) O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 38-45. Recuperado de www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art04_t.pdf.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Faúndes, A., Rosas, C. F., Bedone, A. J., & Orozco, L. T (2006). Violência sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. *Ver. Bras. Ginecol. Obstet.*, 28(2), 126-35. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbgo/v28n2/30680.pdf>.
- Franco, M. L. P. B. (2005). *Análise de Conteúdo* (2ª. ed.). Brasília: Líber Livro Editora.
- Freud, S. (1905/1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/2003). *Cinco Lições de Psicanálise. Contribuições à Psicologia do Amor*. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1930/1974). O mal estar na civilização. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago

- Koller, S. H. (1999). Violência doméstica: Uma visão ecológica. In Amencar (Org.). *Violência doméstica* (pp. 32-42). Brasília: Unicef.
- Kronbauer, J. F. D., & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Rev. Saúde Pública*, 39(5), 695-701.
- Lordelo, L. R., Bastos, A. C. S., & Alcântara, M. A. R. (2002). Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 7(2), 31-40.
- Luft, C. P. (2005). *Minidicionário Luft* (21ª ed.) São Paulo: Ática.
- Minayo, M. C. (1994). Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(1), 7-18. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a02.pdf>.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social* (P. A. Guareschi, trad.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Rabello, E., & Passos, J. S. (s/d). *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Recuperado de <http://www.joseliveira.com/artigos/erikson.pdf>
- Ribeiro, J. L. P., & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do Brief cope. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 3-15. Recuperado de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v5n1/v5n1a01.pdf>.
- Ribolla, M. B., & Fiamenghi Jr., G. A. (2007). Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)*, 11(1), 111-121.
- Schraiber, L. B., & D'Oliveira, A. F. P. L. (1999a). Violência Contra Mulheres: Interfaces com a Saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 3(5), 11-27.
- Schraiber, L. B., & D'Oliveira, A. F. P. L. (1999b). *Violência, Gênero e Saúde: Organização de Serviço e Tecnologia de Atenção Integral à Mulher*. Relatório Final de Pesquisa, São Paulo, FMUSP/DMPR/CSE Samuel Pessoa.
- Schraiber, L. B., & D'Oliveira, A. F. P. L. (2003). O que devem saber os profissionais de saúde para promover os direitos e a saúde das mulheres em situação de violência doméstica. *Projeto Gênero, violência e Direitos Humanos - Novas Questões para o Campo da Saúde* (2ª ed). São Paulo: Fundação Ford, CREMESP. Recuperado de http://www.organizaçaoismulheres.com.br/admin/documentos/cartilha_violencia.pdf
- Traverso-Yépez, M., & Pinheiro, V. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas (Florianópolis)*, 13, 147-162.

Apresentação: 10/06/2013

Aprovação: 05/12/2013